



LITURGIA, DIACONIA E VIDA – UMA ENTREVISTA COM RODOLFO GAEDE NETO

Liturgy, diakonia and life – an interview with Rodolfo Gaede Neto

Marcelo Ramos Saldanha¹
Rodolfo Gaede Neto²

Rodolfo Gaede Neto nasceu em 26 de julho de 1951, em Ituêta, Minas Gerais. É filho de Hermann Carlos Ludwig Gaede e Hilda Dummer Gaede, casado com Erli Mansk e pai de Eva Emília Mansk Gaede e Sara Mansk Gaede, nascidas em Afonso Cláudio, Espírito Santo.

Desde cedo, a sua formação sempre foi marcada pela diaconia. Na ausência de escolas municipais ou estaduais, frequentou o *Ginásio Diacônico Luterano* em Serra Pelada, no Espírito Santo. Depois cursou o Ensino Médio na *Escola Normal Evangélica*, em Ivoti, no Rio Grande do Sul. Entre os anos de 1974 e 1979 estudou Teologia na então chamada *Escola Superior de Teologia*, hoje, *Faculdades EST*, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Em agosto de 1979 assumiu o ministério pastoral na IECLB na paróquia de Alto Jatibocas, interior do município de Itarana, no Espírito Santo, atuando nela até 1985, quando passou a atuar na Paróquia de São João de Garrafão, município de Santa Maria de Jetibá, também no Espírito Santo. Exerceu seu ministério nessa paróquia até o ano de 1987.

Em 1987 assumiu a função de coordenador dos Cursos Comunitários da *Associação Diacônica Luterana (ADL)* e entre os anos de 1993 e 1996 exerceu o cargo de diretor geral da *Associação Diacônica Luterana*. Seu compromisso com a diaconia levou-o a retornar à sua casa de formação para cursar o Mestrado em Teologia com a dissertação “A Diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina” e o Doutorado em Teologia com a tese “Diaconia em contexto de diversidade religiosa e cultural: um estudo a partir de comunidades afro-brasileiras e das comunhões de mesa de Jesus”.

Desde 2003 assumiu a docência na cadeira de Diaconia na Faculdades EST, onde permanece até hoje, exercendo também a função de coordenador do estágio e do bacharelado em Teologia. Sua produção acadêmica é vasta e profunda, sendo uma referência incontornável quando se fala em Teologia Prática no contexto da América Latina. Seus temas de trabalho são diaconia, cuidado, práxis social, comunidade cristã e comunhão de mesa.

Além do seu trabalho como teólogo, Rodolfo Gaede Neto é compositor de diversas letras e melodias. Dentre tantas, podemos destacar as músicas “Vem, Espírito de Deus” e “Resistência”, publicados no hinário *Hinos do Povo de Deus*, da IECLB. No Livro de Canto da IECLB, publicou o clássico kyrie “Pelos dores deste mundo”, um cântico composto numa aula de Liturgia no curso de mestrado na EST com o Prof. Dr. Nelson Kirst. Durante a 9ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, realizada em Porto Alegre, 4.000 pessoas se uniram cantando esse Kyrie acompanhadas por uma orquestra. Atualmente, ele está traduzido para inglês, alemão, espanhol, dinamarquês, sueco, norueguês e francês. Também no Livro de Canto da IECLB, Rodolfo publicou os cânticos “Salmo 121”, “Assim como as espigas”, “Cuida bem”, “Amanhecer”, “Nas asas do vento”, “Canção do Cuidado”,

¹ Doutor em Filosofia. Faculdades EST. E-mail: marcelo.saldanha@est.edu.br

² Doutor em Teologia. Faculdades EST. E-mail: rodolfo@est.edu.br

“A fonte” e “Diaconia”, este último em parceria com Erli Mansk. Também gravou composições nos CDs do Grupo Ânima, tais como “Festa da partilha” (CD 1 - faixa 6), “O exemplo de Cristo” (CD 2, faixa 8), “Juntos fazemos a diferença” (CD 2, faixa 10), “Além do azul do céu” (CD 3, faixa 6), “Um caminho diferente” (CD 3, faixa 3), “Deus é a paz” (CD 3, faixa 7), “Parceria no caminhar” (CD 4, faixa 12).

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail a Marcelo Ramos Saldanha, Rodolfo fala sobre a intensa relação que tem com a música, a teologia e a diaconia.

Marcelo Ramos Saldanha

Rubem Alves, na fábula “urubus e sabiás”, fala da hegemonia dos urubus, com seu cântico monótono, sobre a diversidade de cantares das florestas, com pintassilgos, sabiás e canários. Falando da diversidade musical das igrejas temos, de um lado, a hegemonia do estilo pop do mundo gospel, que avança em todos os países. Por outro lado, no mundo as igrejas protestantes históricas, se vê um endeusamento dos estilos que perpassam os séculos XVI a XVIII ou, ainda, o fechamento numa visão muito restrita do que seja música popular. Na tua experiência como compositor, a música evangélica já foi mais diversa?

Rodolfo Gaede Neto

Pessoalmente vivenciei a tensão do encontro entre “urubus” e “sabiás” no que diz respeito à música sacra. Nas décadas 1980-1990 trabalhei como pastor numa instituição ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), que abriga pessoas jovens em regime de internato (Associação Diacônica Luterana – ADL). Da rotina da comunidade faziam parte os momentos de celebração religiosa na primeira hora de cada manhã e em momentos especiais. A música representava uma parte importante nessas devocionais. Eu, como alguém absolutamente convencido da riqueza musical e teológica de boa parte dos velhos hinos constantes no hinário oficial da Igreja, insisti ao longo dos anos no ensino e na utilização desses hinos. Todavia, não percebia, por parte do público jovem, adesão à minha ideia. Queria cantar hinos novos, acompanhados por violão e teclado. Num belo dia dois jovens voltaram do fim de semana trazendo seu “conjunto”: uma guitarra, um contrabaixo e uma bateria. Começaram a ensaiar músicas sacras de estilo popular, seguindo seu gosto musical. Eles me convenceram e eu acabei aderindo à proposta deles. Ampliamos o grupo musical, que foi batizado com o nome de “Grupo Espaço”; diversificamos os instrumentos musicais; assistimos ao surgimento de composições novas e participamos, com resultados animadores, de festivais de música sacra da IECLB. E não paramos mais de compor e cantar hinos que têm boa acolhida nas comunidades.

Quanto à pergunta pela diversidade da música evangélica em outros tempos, vale lembrar que o próprio Lutero era crítico em relação à frieza da música tradicional da igreja de sua época e que ele apreciava a beleza de cantos e poemas da música secular popular³. Portanto, engessar o estilo musical não é próprio da igreja protestante.

Marcelo Ramos Saldanha

Atualmente, se registra uma tendência conservadora crescendo nas igrejas no Brasil, que se volta contra aquela onda progressista que nos levou à abertura diaconal, à ordenação feminina, à diversidade cultural e tantas outras conquistas. Em que medida o trabalho de compositor pode contribuir para a retomada progressista nas igrejas brasileiras?

Rodolfo Gaede Neto

³ DREHER Martin N. In: LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, v. 7, 2000. p. 474.

A música é um importante veículo de comunicação. Ela é capaz de comunicar mensagens de um modo alternativo ao discurso falado e escrito. Pode alcançar as pessoas, através do uso de linguagem simbólica e poética e através de melodias e combinação de sons, em áreas de sensibilidade emocional em que o discurso objetivo não consegue chegar. No contexto das igrejas, ela cumpre esse papel tanto para manter quanto para mudar realidades dadas. Martim Lutero compunha hinos com o objetivo de que viessem a transportar a mensagem evangélica da Reforma para os diferentes lugares, tanto assim que meio milênio depois, em diferentes continentes, ainda se canta esta mensagem, por exemplo, através do hino “Deus é castelo forte e bom”, mantendo vivas as reflexões do movimento iniciado no século XVI.

Os regimes totalitários geralmente recorrem à música para despertar sentimentos e atitudes nacionalistas, procurando, desta forma, manter seu intento. No caso do conservadorismo nas igrejas, a música, em geral, desempenha a função de direcionar a atenção das pessoas para fora da realidade deste mundo, mantendo-as alheias aos problemas aqui gerados; assim, a música é colocada a serviço da manutenção do *status quo*.

A composição de hinos que veiculam a mensagem do evangelho encarnado, seguramente contribui para que as pessoas se sensibilizem com as dores do mundo, com o sofrimento de seus semelhantes e de toda a criação, e mantenham-se atentas aos desafios que nos advêm do contexto em que estamos colocados como Igreja de Jesus Cristo. Em consequência, haverá disposição para assumir atitudes que promovam os valores do reino de Deus neste mundo.

Marcelo Ramos Saldanha

O kyrie "Pelas dores deste mundo ó senhor" fez um imenso sucesso no ambiente luterano e ecumênico. Após tantas mortes decorrentes dessa pandemia, há a necessidade de cantarmos e compormos novos kyries? O que necessariamente deveria conter num cântico que responda às dores das pessoas em tempos diante de tantas perdas?

Rodolfo Gaede Neto

É indescritível o sofrimento causado pela pandemia a tantas pessoas no mundo inteiro. Tantas vidas ceifadas, tanto luto, tantas internações hospitalares. Além da doença propriamente, outros sofrimentos foram gerados, como a ansiedade, o medo, a angústia, a solidão, a tristeza. Essa situação toda requereu e revelou, por um lado, uma incrível capacidade solidária do ser humano, a exemplo do que pudemos observar na doação, na entrega incansável dos profissionais de saúde ao serviço de cuidado das pessoas. Por outro lado, também trouxe à luz o que o ser humano pode apresentar de pior: a falta de humanidade, na forma de egoísmo, descaso, insensibilidade, falta de espírito comunitário, ausência do compromisso coletivo, etc. Por tudo isso, há, sim, a necessidade de continuar compondo e cantando hinos que clamem a Deus pela sua misericórdia, para que ele venha abraçar o mundo inteiro, envolvendo-o com o manto da sua paz, que é uma paz eternamente casada com a justiça. Nisto há a possibilidade de sensibilizar pessoas, comunidades e igrejas para algo que excede a nossa usual mediocridade humana e aponta para possibilidades de superação e comprometimento com a causa maior do bem-estar da comunidade humana como um todo.

O que necessariamente deve conter um cântico para ser útil em situações de sofrimento como a gerada pela pandemia é a oração de confiança em Deus e a súplica pela compaixão e pelo cuidado de Deus. Conheci uma pessoa com doença grave que toda noite orava o texto da “Canção do cuidado”. Também tomei conhecimento da história de uma senhora com câncer em estado terminal: Todo dia ela pedia à sua filha para colocar a tocar do CD a “Canção do cuidado”. Num determinado dia ela fez a mesma solicitação e, enquanto tocava a música, ela se despediu desta vida. O texto da referida música é uma oração; a segunda parte tem o seguinte conteúdo: “Sob a

luz do teu olhar sigo em paz a minha estrada, pois, eu sei que vais guiar cada passo da jornada. Vem, Senhor, me carregar nos momentos de cansaço; caso eu venha a tropeçar, que eu caia em teu abraço”. Creio que a música pode desempenhar o papel de estimular a pessoa a confiar em Deus e se entregar à sua misericórdia; isto pode fazer toda a diferença em situação de grande sofrimento.

Marcelo Ramos Saldanha

Tristemente, a conjuntura desesperançosa dos nossos tempos tem favorecido casos de suicídio e automutilação. Num de seus artigos, tu escreveste a seguinte frase: “Todos os suicídios e as tentativas de suicídio são gritos de socorro dos quais a igreja precisa se aperceber e aos quais precisa responder através da pregação, do aconselhamento pastoral, da diaconia e outros serviços. Visitar, ouvir, estar aí, acompanhar, compreender, solidarizar-se, amar são atitudes que salvam vidas”⁴. Em que medida a música e a liturgia podem servir para sensibilizar a igreja para a escuta das pessoas que sofrem?

Rodolfo Gaede Neto

Talvez a canção “Cuida bem, Senhor” possa ilustrar a capacidade da música e da liturgia de sensibilizarem a igreja para o cuidado das pessoas que sofrem. Liturgicamente, ela vem sendo cantada nos cultos como bênção final: suplica-se a Deus que cuide das pessoas que estão à nossa frente (podemos pensar nas pessoas que nos antecederam na estrada da vida, as que têm mais idade, mais experiência, etc.); que cuide também daquelas que nos seguem no caminho (pessoas que ainda terão de percorrer a trajetória da vida depois de nós); que cuide das pessoas que se encontram ao nosso lado (lado a lado conosco no culto, na família, no trabalho, no hospital). Finalmente, a pessoa que canta pede humildemente o cuidado de Deus para si mesma, como quem pensa: já pedi o cuidado de Deus para todas as pessoas que dele necessitam; depois disso, se Deus ainda quiser cuidar de mais alguém, que deixe sobrar um pouco do seu cuidado para mim, que tanto necessito dele também.

Um grupo de mães de crianças autistas adotou esta música como referência de sua espiritualidade. Elas cuidam 24 horas por dia de suas crianças e pedem insistentemente para elas o cuidado de Deus. Quem cuida delas mesmas? Através desta canção elas se deram conta que podem pedir a Deus para elas mesmas aquela “sobra” de cuidado.

Avalio que o canto ganhou acolhida nas comunidades por conseguir dar expressão ao desejo e à oração de que as outras pessoas, que se encontram em situação de necessidade, possam experimentar o cuidado de Deus. Somente depois de incluir todas as pessoas em sua oração, a pessoa que canta se volta às suas próprias carências. Creio que o conteúdo da canção estimula a comunidade a estar atenta às necessidades das pessoas que nos cercam, a exercitar a escuta de suas angústias e a interceder por elas. O conteúdo da canção sensibiliza a comunidade para uma espiritualidade que é própria da fé cristã: encurtar o espaço do autocentrismo e alargar o espaço da alteridade. Em outros termos, sensibiliza para a dor da outra pessoa e para a alegria de poder contribuir para o seu bem-estar.

Marcelo Ramos Saldanha

Tu pertences a uma geração de teólogos e teólogas luteranas que receberam a radicalidade da teologia da libertação como uma força viva de transformação da realidade. Aqui, radicalidade tem a ver com o movimento de ir ao radical (raiz) do Evangelho. Em que sentido compositores

⁴ GAEDE NETO, Rodolfo. Suicídio: reflexões em torno de um caso-limite. In: WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas. (Org.). *Sombras da Alma*: tramas e tempos da depressão. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 126.

como tu contribuíram para esse processo de retorno ao que é fundamental e inegociável na vivência da fé verdadeiramente evangélica?

Rodolfo Gaede Neto

De fato, a radicalidade está com o Evangelho. Nele está a força viva capaz de transformar a realidade. A teologia da libertação é apenas um movimento de releitura e contextualização deste Evangelho. Os olhos que fazem esta releitura são aqueles que enxergam o que se passa no contexto latino-americano e caribenho, onde a maioria das pessoas vive em situação de exclusão nas mais diferentes áreas da vida em sociedade: econômica, social, política, cultural... Estes olhos enxergam no Evangelho profundas e radicais mensagens de libertação.

Para quem confessa a fé evangélico-luterana, inegociável é a teologia da graça de Deus. Ela liberta as pessoas crentes de toda a necessidade de autojustificação. Como pessoas que vivem na esfera da liberdade cristã, impulsionadas pela fé, elas podem se dedicar inteiramente ao cuidado das pessoas, que foram criadas para terem vida e vida em abundância. Inspirado nesta teologia, Lutero pode afirmar com toda a radicalidade:

Depois disso, cuida apenas para proceder com o próximo, como Cristo procedeu contigo, e deixa todas as tuas obras com toda a sua vida visar o teu próximo. Procura onde há pobres, doentes e débeis; ajuda-os; exercita neles a tua vida, para que tenham apoio, por tua parte, todos aqueles que precisam de ti; ajuda-os na medida de tuas capacidades com teu corpo, teus bens e tua honra (...) Saiba que servir a Deus não é outra coisa senão servir ao teu próximo, fazendo-lhe bem com amor, seja ele uma criança, uma mulher, um criado, um inimigo ou um amigo. Não faças distinções quaisquer. O teu próximo é aquele que necessita de ti em assuntos de corpo e alma. Onde podes ajudar corporal e espiritualmente, lá há serviço a Deus e boas obras (...) Olha para a tua vida. Se não te encontrares, como Cristo no Evangelho, em meio aos pobres e necessitados, então saiba que a tua fé ainda não é verdadeira e que certamente ainda não experimentaste em ti o favor e a obra de Cristo.⁵

Compositores de hinos cristãos podem oferecer a sua contribuição no sentido de chamar a atenção da igreja para a radicalidade da fé cristã que se fundamenta no Evangelho da graça de Deus e que liberta as pessoas crentes para o testemunho vigoroso e o engajamento destemido neste mundo. Pessoalmente exercitei esta contribuição compondo, no início da década de 1990, o hino intitulado “Resistência”⁶. Nele se procura descrever o contexto em que muitas pessoas passam fome e estão doentes. Esta realidade requer uma igreja que “caminhe com os pés firmes neste chão”. Aponta-se também para a esperança como “certeza de um dia novo que há de vir”. Tudo isto é entregue a Deus na seguinte oração: “Espírito divino vem conosco habitar; o teu povo vem guiar nesta Latina escuridão. De noite sê a lua, o sol no amanhecer; nossa fé vem aquecer e alegrar o coração. Consola os rejeitados; que possam resistir! Desperta a tua Igreja para neles te servir”.

Mais recentemente, em 2021, compus a canção “Lugares à margem”, com a seguinte letra: “Fortalece a presença da tua Igreja nos lugares criados à margem dos lugares: à margem das estradas, à margem das cidades, à margem dos impérios, à margem da História. Tu conheces, ó Deus, muito bem estes lugares. Na pessoa de teu Filho tu mesmo os visitaste. Abraçaste as crianças, acolheste as mulheres, deste ouvido ao clamor dos cegos, tocaste o corpo dos leprosos. Agora envia o teu Espírito. Encoraja a tua Igreja a ir aos lugares onde tu já estás e aí te servir”.⁷

Marcelo Ramos Saldanha

⁵ Sermonário de 1522; prédica sobre Mt 11.2-10; *WA 10/1*, 2, p. 168, linha 17 até p. 169, linha 10).

⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Hinos do Povo de Deus*. Porto Alegre, 3. ed., v. 2, 2002, n. 443.

⁷ GRUPO ÂNIMA. Lugares à Margem. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xIG11cECcn0>.

No cântico "parceria ao caminhar", tu falas do Cristo que cuida e consola na comunhão. Num mundo em que a compaixão é trocada por relações de consumo e as comunidades tratam o ministério ordenado como prestação de serviço, ainda há espaço para a construção de uma pastoral aos moldes do Bom Pastor?

Rodolfo Gaede Neto

Com certeza. Sempre haverá espaço para a construção de projetos de cuidado no contexto da comunidade de fé. Embora estejamos vivendo na era do consumo e da tentativa de transformar o ministério ordenado numa profissão de prestação de serviços, não se deve considerar esta realidade algo geral e definitivo. Nas comunidades há muita gente necessitando de cuidado e também muita gente disposta a cuidar. Importa que o ministério ordenado faça a mediação entre os dois grupos, que não são estanques: quem hoje é cuidado, amanhã poderá cuidar; e quem hoje cuida, amanhã poderá necessitar de cuidado. Esta é a dinâmica de um grupo de pessoas que vive em comunhão. É como afirma o apóstolo Paulo: Na comunidade, que se caracteriza pela diversidade, "se um membro sofre, todos sofrem com ele; e se um deles é honrado, com ele todos se regozijam" (1Coríntios 12.26).

Marcelo Ramos Saldanha

Os cânticos têm um poder incrível de transmissão de teologia. Como tu avalias a carga teológica da produção contemporânea de cânticos na igreja latino-americana?

Rodolfo Gaede Neto

Hoje não temos, na América Latina, o mesmo volume de produção musical na perspectiva de uma teologia da libertação, como presenciamos há algumas décadas. Fatores históricos interferiram desconstrutivamente na caminhada de uma Igreja cuja vida pulsava basicamente nas comunidades eclesiais de base; este era o lugar privilegiado de releitura do Evangelho, de produção teológica de pé no chão, de criação litúrgica e musical. Ao mesmo tempo, nosso continente foi inundado por uma onda de música gospel com perfil majoritariamente mercadológico. Surgiu o universo de consumo de uma música cuja teologia tem um papel inverso: direciona o olhar das pessoas para as alturas. Em atenção ao que lemos em Atos 1.11, é tempo oportuno para criar hinos que ajudem a olhar para baixo.

Marcelo Ramos Saldanha

Freire escreveu um texto intitulado "carta a um jovem teólogo", um texto profundamente enraizado na noção evangélica de libertação e que dialoga com as esperanças da juventude. Se tu pudesses deixar uma dica, ou mais, para uma pessoa que deseja não apenas seguir o caminho da teologia, mas também da composição musical, qual seria?

Rodolfo Gaede Neto

Ao longo da minha trajetória como compositor, apercebi-me de alguns aspectos que podem ser úteis para quem se sente motivado a compor hinos sacros.

A primeira questão é a eleição de um tema que seja relevante para a vida das pessoas e da Igreja. Para mim esta escolha nunca aconteceu de forma intencional e planejada, mas, o tema se apresentou em dado momento como teologicamente instigante e desafiador. Não se tratou da busca por um assunto, mas, coisa do *kairós*. Ou seja, em certa ocasião tive a percepção de que tal tema deveria ser traduzido para a forma de um hino.

Como exemplos, poder-se-ia mencionar os temas "as dores do mundo", "a misericórdia de Deus que se renova a cada manhã", "o cuidado de Deus para as pessoas que nos cercam", "a proteção dos *anjos* em nossos caminhos", "a resistência das pessoas rejeitadas", "o espírito de Deus como consolo", etc.

O segundo desafio importante é a forma de apresentação do tema. Provavelmente, a forma discursiva e racional terá menos aceitação, porque o lugar da música sacra é o culto, ou seja, ambiente de espiritualidade, de meditação, de introspecção, onde a alma e o coração requerem uma oportunidade para processar assuntos importantes na relação íntima com o divino. Neste ambiente, as pessoas se apropriarão do tema não apenas no nível racional, mas na intimidade do seu ser, a ponto de tornar-se expressão de sua espiritualidade. Por este motivo, é importante o uso de linguagem simbólica, metafórica, poética. O que confere mais credibilidade à canção sacra é sua apresentação em forma de texto bíblico ou em forma de oração.

A terceira recomendação em relação à música sacra é evitar o seu uso como instrumento de militância. A comunidade de fé se caracteriza pela diversidade; e isto é válido também para o campo político. Hinos com conotação partidária, seja de qual orientação for, agradará a um grupo e desagradará a outro. Este tipo de música poderá desempenhar bem o seu papel nos ambientes próprios, dos grupos específicos. Para o ambiente eclesial cabe compor hinos com perfil congregador, edificador; hinos que, com seu tema e sua forma, consigam alcançar o coração de toda a comunidade e uni-la em torno das grandes causas da fé cristã, que são comuns a todas as pessoas crentes.

Referências

ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar — O fim dos Vestibulares*. São Paulo: Editora Ars Poetica, 1995.

GAEDE NETO, Rodolfo. Suicídio: reflexões em torno de um caso-limite. In: WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas. (Org.). *Sombras da Alma: tramas e tempos da depressão*. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 118-127.

GRUPO ÂNIMA. Lugares à Margem. *YouTube*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=xIG11cECcn0>.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Hinos do Povo de Deus*. Porto Alegre, 3. ed., v. 2, 2002.

LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, v. 7, 2000.

LUTERO, Martinho. Sermonário de 1522; prédica sobre Mt 11.2-10; WA 10/1, 2.